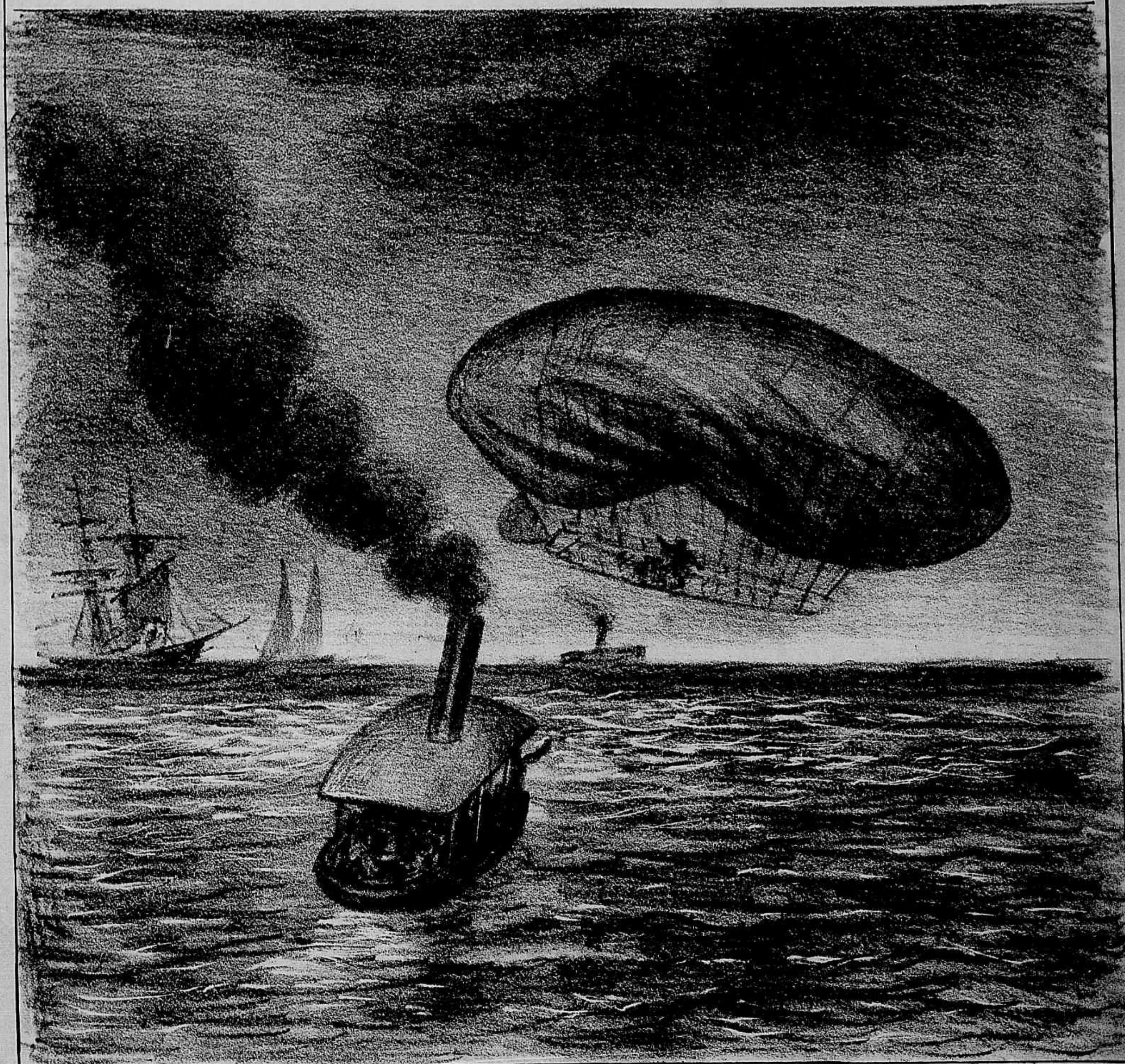


274  
Anno VIII. - Rio de Janeiro - 15 Fevereiro 1902 N° 147

BIBLIOTECAS NACIONAIS  
S.R.P.

# DN QUIXOTE

de Angelo Agostini  
Largo da Carioca N° 4 (Sobrado)



Nova victoria do Santos Dumont. Tendo rasgado seu balao, desceu descrevendo longa spiral, dando tempo a que as embarcações viesssem recebê-lo. Ao saltar em terra sob indescriptivel ovacão, foi elle felicitado pelo povo. Isto passou-se hontem 14 de Fevereiro de 1902

# O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1902

## Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOLA N. 4

SOBRADO

## PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno. ....	258000
Semestre.....	148000
NUMERO AVULSO 18000	

## EXPEDIENTE

### AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

**Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.**

## CARNAVAL

Ao contrario de todas as expectativas o carnaval deste anno teve brilhantismo e animação grandes—muito superiores aos dos annos anteriores.

E' assim. Diga-se ainda que somos um povo triste, que não ha dinheiro, que o povo carioca não tem amor ás suas tradições nem as sabe guardar.

Chegou o Carnaval e lá se foram todas as affirmações tão cathegoricas quão pessimista no mesmo desmentido jovial, louco, gargalhado entre um estridor de clarim e um farfalhar de pandeiro, pontuado pelo zabumbar dos Zé Pereira.

E mais, para provar quanto este povo

é agarrado ás suas tradições e aos seus amores velhos, ahi está o entusiasmo delirante, infinito com que todos os fluminenses moços e velhos, senhoritas e matronas atiraram-se ao entrudo como nos tempos de nossos avós.

Como antigamente, o principal divertimento do Carnaval de 1902 consistiu em arranjarem bronquites e pneumonias molhando-se uns aos outros á porfia, cada qual com mais denodo, com mais calor e principalmente com mais agua.

Tudo quanto a imaginação podia imaginar de mais aperfeiçoado e efficaz para jorrar agua nos transeuntes foi posto em pratica por toda a cidade. Os rapazes *chicos* com seringas complicadíssimas de longos tubos que se sahiam pelo alfinete da gravata atirando agua a metros de distancia, e as vezes garrafas de siphon, a que as senhoritas respondiam com relogios-bisnagas e copos d'agua. As matronas e os papás iam mais longe. Eram bacias d'agua que atiravam com grandes gargalhadas.

Emfim não faz mal. Medicos não faltam, a liga contra a tuberculose ahi está.

O *confetti* foi vencido na lucta com a agua (pudera, agua não custa vintem!) Mas assim mesmo esses papeisinhos, apesar de aparecerem em menor quantidade, tiveram graça e importancia rara porque combinados com a agua davam effeitos impagáveis; apoi um esgricho de bisnaga os punhados de confetti collavam-se aos rostos dos foliões e mascaravam-os da mais grotesca de todas as maneiras.

E foi este o divertimento popular apesar da proibição da policia—um entrudo sem limites desbragado, como ha 10 annos ou mais não havia no Rio de Janeiro.

Outra nota importante do Carnaval foi a decentralisaçao das festas promovida por varias sociedades que fizeram passeatas e sahiram prestitos pelos arrabaldes.

Tambem as grandes e antigas sociedades carnavalescas os *Democraticos* e os *Fenianos* sahiram a rua com grandes prestitos recebendo aplausos sem conta.

E a animação popular foi extraordinaria.

Um bello carnaval!

\*\*\*

Uma das mais bellas notas do Carnaval de 1902 foi a perfeita ordem que reinou durante os tres dias por toda a

parte, não havendo conflitos nem provocados pelas passagens dos prestitos, nem pelos encontros dos grupos, nem pelas aglomerações, nem pelo entrudo.

Rejubilando com acontecimento tão raro no Rio de Janeiro compete-nos elogiar franca e sinceramente o policiamento da cidade, feito não só pela policia civil e militar, como pelos contingentes do exercito e as forças de marinha desembarcadas especialmente para este fim.

A' policia cabem os melhores elogios pela organisação do serviço, fazendo com que os cordões e grupos atravessassem a rua do Ouvidor em uma só direcção, dirigindo com rara habilidade e cuidado a circulação das carros, mantendo em todas as esquinas soldados bem industriados para evitar atropellos e obtendo milagrosamente um movimento constante, conseguindo que não houvesse em um só ponto, nem mesmo na rua do Ouvidor, os agrupamentos exagerados, esses apertos que tornam a passagem do canto da rua Gonçalves Dias uma empreza heroica e ousada.

Tudo sem violencia, pela persuasão e cuidado prevenido, as providencias moderadas e conselhos sempre gentilissimos.

Em toda a parte, quer nas ruas quer nos theatros o povo divertiu-se franca e livremente, sob a guarda attenta da policia, sem que a sua intervenção motivasse um só dos costumados conflitos.

A todos, pois, delegados, suplentes, agentes, soldados devemos elogios pela moderação e boas maneiras com que souberam cumprir o seu dever.

E' tão raro e tão bom poder dizer isto!

\*\*\*

Apesar porem d'esse excellento servico um caso isolado e inevitável manchou de sangue as festas carnavalescas d'este anno.

Um grupo de descrdeiros, premeditara vingança contra os socios de um grupo de foliões e atacou-o quando este passava constituído em cordão pelas ruas de Botafogo.

Assaltados a faca e revolver as victimas desprevenidas foram dispersadas, ficando por terra um morto e um ferido gravemente.

Esse caso deu lugar a uma ceremonia fantasmagorica, de um grotesco macabro e de um sentimento inaudito. O crime, nota tão chocante a meio de toda essa alegria,

todo esse ligeiro estouamento que por ahi houve, devia ficar ecoando, em um des- taque barboso, sobre todos os acontecimen- tos do Carnaval.

Tal se não dá, porem, a essa impres- são revoltante outra succederá de certo no espirito de quem souber, como os compa- nheiros fieis de Antonio Angelino Gonçal- ves e Jorge Neves dos Santos souberam fa- zer-lhes os enterro, interrompendo todo o folguedo, todo o alarido delirante com que essas ruas estremeceram nestes tres dias, para, compungidos, pondo todo o coração nos labios que tão nostalgica cantigas des- feriam, seguir os camaradas mortos á sua morada derradeira.

Ao enterro, que as familias das victi- mas custearam, pondo-lhes sobre o caixão sentidas coroas, acudiram todos os bizarros filhos da *Estrella Dous Diamantes*, outros grupos acudiram, numa commovente soli- dariéde.

E posto os caixões sobre os carros, tendo rompido o prestito, os cordões se- guiram atraç, com os seus estandartes, que o vento racudia em eloquentes adeuses, os seus pandeiros, cujo som ribombante pa- recia salvar funeraes, todos os seus vio- lões plagentes, todas as suas chorosas vio- las.

E por sobre esse grande prestito de luto carnavlesco, por sobre essa romaria em que Momo dava o braço á Morte, a nos- talgica toada dos cordões abemolava-se ga- nhava suavidade e solemnidade, como um sagrado *requiem*, pairando sobre o paganismo macrabo das caraças e das multico- tes vestes roçagantes.

Foi assim que o enterro do *Boi* e do seu companheiro de folia e de infortunio percorreu as diversas ruas até o cemiterio de S. João Baptista, a cuja porta a mascara tragica parou, comprindo o terno de- ver que até alli a conduzira, entre a confusão attonita do populacho e as flores que das janellas lançavam as familias commo-vidas.

Assim se desfez e se calou de todo, á entrada da grande mansão da paz e do es- quecimento, a ceremonia funebre dos ma- laventurados filhos da *Estrella Dous Dia- mantes* — hymno de gloria e delirio, des- feito em cantochão, careta entrecorta de soluços, gargalhada de Momo estorzeada em lagrimas...

## AS CARNES

Se ha ossos duros de roer nenhum é tão prodigiosamente difficulte engulir como todas estas carnes mais ou menos garan- tidos por mandatos de juizes, que lá sa- bem o que fazem e tem tribunaes superiores que os sustentem.

Esta semana tivemos a pandega carna- valesca a substituir dignamente a não me- nos pandega embrulhada dos juizes e da administração de districto, uma pilheria que se dizia existir o que o Godofredo Cu- nha fez desapparecer com um sopro ou antes com um assomimo da sciencia e res- peito as leis, taes como elle as entende.

Felizmente o carnaval é inofensivo, não nos demoralisa nem prejudica. Tives- semos nós Zé Pereira todos os dias; vinte cordões zabumbadores em vez de um só de cada um dos mandados que nos tem assollado, pondo em risco os nossos estoma- gos, a nossa dignidade e as nossas algibeiras, com as futuras e infaliveis indem- nisações.

Passaram mais dias e tudo continuou na mesma escandalosa especulação, o Rio de Janeiro a receber carne verde de varios matadouros irregulares, sem fiscalisação medico legal, sem pagar imposto, desor- ganisando o serviço de hygiene, desfrau- dando os cofres publicos, atrapalhando as leis, envolvendo na mesma desmoralisa- ção, tribunaes, juizes, prefeitura, e toda a administração do disticto federal.

## URBANO DUARTE

No segundo dia de Carnaval appareceu inesperadamente a triste noticia da morte de um dos mais joviaes, e agradaveis de nosso chronistas, o major Urbano Duarte, que ha trinta annos, com pseudonymos di- versos, mantinha em varios jornaes, sim- taneamente secções scintillantes de verve facil, espontanea, esfusante, inegotavel.

Natural da Bahia, Urbano Duarte veiu estudar nesta capital abraçando a carreira das armas onde tinha o posto de major do corpo de engenheiros.

Nas letras cultivou a ingrata tarefa de jornalista alcançando invejavel e justissimo renome.

A noticia encherá de tristeza os cora- ções de todos aquelles que ha tanto tempo acompanhavão nas columnas do jornal os trabalhos do conhecido homem de let- tras. Elles enchiam o rodapé umavez por semana e erão buscados por um publico todo especial, que se deleitava naquelle prosa amena e scintilante, onde se entre- laçavam casos curiosos e successos de im- portancias com faceias de bom gosto, tudo em um estylo chão e claro, que não excluia nem a elegancia nem a levesa.

Urbano Duarte era um trabalhador in- fatigavel e nas horas de lazer que deixa- va o seu magisterio na Escola de Tactica escrevia constantemente para outros jornaes, sendo rara a folha ou revista onde no periodo dos ultimos trinta annos o seu nome, os seus pseudonymos ou as su- as iniciaes não apparecessem ao menos uma vez.

Ainda ultimamente publicava um livro militar que intitulou *O Livro do Soldado*, obra que encontrou em todo o Brazil um excellente acolhimento. Mas a contribuição quotidiana deste homem de letras no jornalismo desta Capital e no do Estado de S. Paulo é quedá bem a medida da secundo idade que distinguia da grande maioria dos nossos escriptores.

Pela imprensa do Rio, no Jornal do Commercio sob a inicial de *G.*, em outros, sob pseudonymo de *J. Guerra*, e pela im- prensa dos vizinhos Estados, em chronique- tas assignadas *U. B.*, fica espalhado o que de melhor produzio aquelle que, com grande tristeza para os que viveram na intimitade da sua alma e do seu caracter, des- appareceu da face da terra.

Caracter lhano, sincero e cordial, de sentimentos pouco expansivos mas nobres, Urbano Duarte deixa a tradição de um companheiro affectuoso a cuja bondade se ligaram todos os corações como todos os espíritos intellectuaes desta cidadese havião ligado a elle desde que a sua estréa na imprensa desde logo revelou o escriptor que elle veio a ser mais tarde.

Esses dous raros predicados Urbano Duarte concorreram para que no Exercito, a cuja classe elle pertencia como Major do Estado-Maior, seja a sua perda igualmente sentida. Mas não sabemos se nessa magua commun será mais forte o pezar dos que com elle mourejáram na vida de imprensa, porque nos parece que a esta é que elle



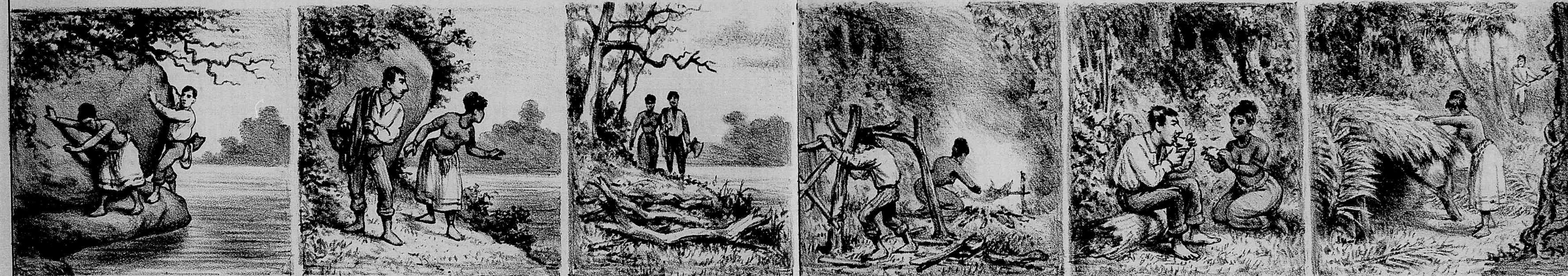
Um dos indios do Mundurucú-assú em logar de atravessar o rio sobre a fatal ponte, preferiu seguir a margem esquerda até à cascata e aí, descendo por entre a mata,

atravessar o rio, pulando de pedra em pedra, afim de alcançar a outra margem e melhor sorprehender os fugitivos.

Foi justamente no meio do trajecto quando atravessava o rio, que um tremendo grito lhe fez levantar a cabeça.  
O que elle caiu os nossos leitores já sabem.

Aterrado ante tamanha desgraça que victimava o seu chefe, a filha deste e todos os seus companheiros, o índio entregou-se ao mais profundo desespero.

Afinal, levantando-se resolvido a deixar esse logar que tanto o entristecia, soltou um grito dilacerante. Esse grito era um nome e este nome o de Inayá!...



A india e o nosso Zé voltaram pelo caminho percorrido por este para salvar Inayá, que muito se admirou das dificuldades que Zé vencia.

Ele mesmo, nem sabia como tinha passado por tais logares.

De repente, a filha do cacique estacou e empalideceu. Parecia-lhe ter ouvido, ao longe, pronunciar o seu nome—E impossivel, disse Zé, elles morreram todos.

E os nossos fugitivos continuaram a caminhar.

Não tardaram a encontrar o logar onde se travara a lucta. Da ponte só restavam os galhos que tinham cortado.

Estes serviram para construir uma choupana. Zé encarregou-se d'esse serviço em quanto Inayá tratava de preparar o almoço.

Afinal! disse Zé, vamos comer o famoso tatu. E com uma sôme decoradora, o nosso herói comeu, por sua parte, quasi a metade.

Resolvidos, por enquanto, a acampar nesse logar, a choupana não tardou a ser coberta de folhas de palmitos que Zé cortava no matto e Inayá arranjava do melhor modo.



A tardinha estava tudo pronto. Sentados na pitoresca cabana, Zé parecia contente por terem escapado a tais perigos; Inayá, porém, estava apprehensiva — O que tens? perguntou Zé.

Aquelle grito, em que ouvi distinctamente o meu nome, faz-me receber novo perigo. Só Cham-kam seria capaz de o pronunciar — Porque? Porque ama-me e meu pai me prometeu a elle por ser o mais valente da tribo; se elle nos encontra matar-nos-há.

—E o que faltava! disse Zé curar um revólver na sua mala.  
—E inútil; só o fará quando pondo-se de tocaia.

que tratou logo de protestarmos desprevenidos

Depois de varias considerações pró e contra a probabilidade de serem descobertos, os fugitivos resolveram deitar-se sem todavia accender fogo para não despertarem a atenção.  
A principio, a india tentou lutar contra o sono, mas, exausta pelas jadias porque passara, adormeceu.

Cham-kam fôra collocar-se no alto de uma pedra para d'ahi precipitar-se no abismo e morrer. Uma columna de fumaça e uns golpes de machado chamaram a sua attenção.  
—Deve ser o pristoneiro, pensou elle; e um sorriso feroz e ingrativo desenhou-se-lhe nos labios.

(Continua.)

procurou deixar o seu nome ligado por maiores vínculos e nesta é que o seu nome se popularizou ao lado dos jornalistas e escritores que melhor incarnam a vida literária do Brasil contemporâneo.

## PILHERIA

A Sra. Palhares distincta brasileira, foi vítima em Buenos Ayres de violências da polícia mal informada por um inimigo pessoal. Immediatamente o nosso ministro e o nosso consul em Buenos Ayres, protestaram energicamente e deram todas as providências que o caso exigia; durante oito ou nove dias o ministro brasileiro conferenciou com as autoridades argentinas acompanhando o inquérito que foi feito para apurar as responsabilidades.

Agora terminado tudo, já de regresso a Sra. Palhares, que foi acompanhada a bordo na capital platina, pelo sub-prefeito de polícia que lhe foi apresentar desculpas e pelo ministro e consul brasileiros, sahe-se o Jornal do Brazil com um artigo espalhafatoso perguntando que fez o governo brasileiro nesta ocorrência, se recuamos com medo, por desprezo pelo povo [oh!!]

E logo apesar das perguntas, sem esperar que alguém lhe mostrasse os telegrammas, passou a afirmar, que o governo não fez nada, que não seguiu o exemplo da Inglaterra movendo as suas esquadras e que cruzamos os braços deixando, impunemente aggredida uma família de compatriotas,

Hom' essa

Que mais queria o Jornal do Brazil que se fizesse, além do que foi feito?

Que se declarasse a guerra a argentina, movendo a esquadra... ilha do Jornal do Brazil e se mandasse o coronel Marcio arrazar Buenos Ayres?

Que o próprio general Roca viesse ao Rio de Janeiro com todo o ministerio pedir perdão ao Jornal do Brazil, de joelhos e a bater no peito.

Ora, colega! Confesse que o artigo foi uma pilheria carnavalesca que saiu atrasada!

## PIADINHAS

Um dia destes foram apanhados pela

policia em uma só circunscrição urbana trez malucos.

Trez num dia, que fartura! que ajizada terra!

Consta que todos tinham a mania de ser juizes seccionaes e expedir mandados de manutenção.

Mas não tiveram manutenção das cabeças e d'ahi ao Hospicio foi um pulo.

— O' Raul: Porque diabo seria o entredo tão forte este anno?

— Ora porque a polícia o prohibiu. Queram mais claro ponham-lhe agua...

A *Gazeta* saiu tão embonecada durante o Carnaval que, se não fosse escripta em portuguez poderia-se confundir com outro jornal.

A *Gazeta* publicou na terça-feira a notícia da morte de um homem.

Vem o Jornal do Brazil na quinta e diz que o mesmo homem está muito melhor, havendo esperança de que se estabeleça.

Da morte?!

Está elle melhor da morte?!

Ahi ha embrulho. Ou a *gazeta* cometeu um assassinato ou o Jornal do Brazil fez uma ressurreição.

Acho bom *interviewiar* o morto para esclarecer o caso.

Houve um incendio terça-feira de Carnaval e o corpo de Bombeiros foi chamado.

Para que.

Andava pela rua tanta gente com cada bisnaga d'este tamanho!....

## A CAPITAL

Appareceu no dia 13 em Nictheroy sob a competente direcção do nosso estimado collega Alvaro de Azevedo um novo jornal intitulado *A Capital*.

Propreia e longa vida deseja-lhe o D. Quixote.

## NOTICIARIO

Santos Dumont continua a fazer experiências, evoluindo sobre a baia de Monaco com o seu aperfeiçoado balão, diante de multidões delirantes de entusiasmo, que applaudem o intrepido brasileiro em seus esforçados trabalhos, admirando a facilidade com que a aeronave se dirige docilmente à vontade de Santos Dumont, pairando lá no alto e estendendo a longa bandeira branca onde se lê o distico glorioso: « *Por mares nunca dantes navegados.* »

Chegam diariamente as notícias das ascensões do nosso illustre compatriota.

Falta agora o telegramma anunciando a proxima experiência do Sr. Severo.

S. S. não costuma dispensar esse trabalho cada vez que um novo triunfo vem elevar mais a gloria do « brinquedo » de Santos Dumont.

A imperatriz Eugenia e o Príncipe de Monaco tem-se interessado apaixonadamente pelas ascensões Santos Dumont e com elles multidão sem conta.

Ainda os ultimos telegrammas contavam que a sua ascenção de 11 do corrente foi presenciada por mais de trinta mil pessoas, applaudindo calorosamente.

Santos Dumont affrontando, vitoriosamente o vento contrario, dirigiu-se ao cabo S. Martin, onde foi saudar a imperatriz Eugenia e o Príncipe de Monaco voltando depois a desembarcar proximo ao barracão da aeronave, sendo alvo de extraordinaria ovação.

O verão fez-se esperar mas parece que esteve ganhando forças.

Livrá! As ruas estão quasi intransitáveis. Passou todo o carnaval sem chuva — caso virgem estes ultimos 20 annos. Em compensação temos tido sol em demasia.

Das 0 horas da manhã às 4 da tarde é uma tortura inaudita andar pela cidade. O sol é abrazador, não ha a menor aragem, a mais leve baixa que attenua o seu fulgor, das pedras do calçamento sahe uma irradiação formidável, um calor monstruoso, parecendo que toda a terra é uma imensa e terrível fornalha.

Diversas trovoadas se tem armado por

ahi mas desapparecem sem mais resultado e as noites, oh, as noites!

São talvez peiores do que os djas. Felizes os bemaventurados que fogem para as alturas, que vão para Pétropolis, para Minas!

Felizes os que não estão como nós a escrever com 38 graus à sombra...

\*\*\*

Não ficou felizmente impune o crime do empastellamento do *Cachoeirense* no estado do Rio Grande do Sul.

O governo do estado, tendo noticia de que o delegado de policia do logar era co-participante no attentado, demitiu-o sem hesitação nem delongas.

Ainda bem. Mesmo porque, fóra dos argumentos da liberdade da imprensa e da opinião, o empastellamento de um jornal é um crime commun, um attentado contra a propriedade alheia que deveria levar ao banco dos réos do mesmo modo que qualquer roubo vulgar.

Infelizmente poucos dias depois deste houve outro empastellamento ainda no Rio Grande, o do *Municipio*, que teve as suas officinas inutilisadas par duas vezes e nenhuma providencia veiu provar a iner-  
gia do governo e o seu decidido intuito de garantir a propriedade.

Ora está! O mais difícil era começar. Era preciso sustentar a nota.

\*\*\*

Chegou a bordo do vapor *Wordsworth* o cadaver do malogrado Dr. José Hygino Duarte Pereira, representante da Republica Brazileira na conferencia *Pan-Americana*.

O corpo do illustre morto veiu acompanhado por sua Exma. familia e foi recebido com todas as honras devidas aos seus altos meritos e aos relevantes serviços prestados a patria no terreno do direito e da justiça.

Ao seu enterro no dia seguinte concorreram os representantes das mais altas autoridades e corporações da Republica.

\*\*\*

Está de passagem nesta capital o deputado Vorde Belli, que veiu visitar diversos estados do Brazil e tem manifestado excelente impressão.

## THEATROS

E curioso: nesta terra ha cousas que têm uma nota original, local, que se fazem aqui de modo inteiramente diverso ao dos outros paizes e em que a mania imitadora, tão commun nos paizes novos, é vencida, esmagada por uma tendencia natural, irresistivel, que leva o povo o agir de acordo com os seus habitos immoriaes e a comodidade tal como elle a entende.

Em questão de theatro o phenomeno é flagrante e são inumeras as circunstancias curiosas, que tem, verdade seja dita, causas bem patentes.

Exemplos:

O nosso publico não aplaude. Entende ser *chic*, manter-se durante todo o espectaculo impassivel, sem manifestar o seu agrado—é verdade que tambem não manifesta desagrado. Deixa ao povo miudo das torrinhas o trabalho de bater palmas e chamar a scena os artistas. Deixa principalmente este incommodo á claque.

E está ahí exactamente a causa do mal. A claque aplaude mal e aplaude tanto que o publico se dispensa d'isto. D'ahi ficarem quietos desde que ha outros pagos para ter entusiasmo.

Outro habito interessante é o que se dá com as noites de chuva em que os theatros ficam vazios ao passo que regorgitam nos outros paizes exactamente quando chove. Ahi a causa é o estado da cidade, perigosamente intransitavel á menor batega d'agua,

Todas estas observações vieram a propósito da anomalia de Momo-carnaval matar Momo-theatro no Rio de Janeiro.

O carnaval paralizou todo o movimento dos theatros com muitos dias de antecedencia.

O *Lucinda* suspendeu as representações da comedia de Gaveult e Berr—*Quasi!*—em pleno sucesso e o *Recreio* transferiu por quinze dias a primeira representação

do *Quo Vadis?* porque se o dêsse antes do Carnaval os folguedos inutilisariam a peça, como inutilisam toda e qualquer que os atravessam.

\*\*\*

Para o Carnaval a empreza Dias Braga nem se atreveu a arriscar nenhuma das peças do seu infinito repertorio. Desenca-  
vou para os dias da Folia *O Diabo a quatro* uma revistinha a vapor que o Orlando Teixeira e o Demetrio de Toledo escreveram sobre a perna, ha 3 annos, para uma com-  
panhia transitoria organizada pelo actor Machado e que o Eduardo Victorino refor-  
mou reduzindo a dous actos.

\*\*\*

O *Lucinda* esteve fechado os tres dias depois de dar no sabbado a 10<sup>a</sup> represen-  
tação do esplendido *Quasi!* em homena-  
gem á imprensa fluminense.

\*\*\*

Os outros theatros deram grandes bai-  
tes publicos que foram concorridissimos.

EMILIO FOGUETE

## NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos.

—A *Revista da Semana*.

—A *Universal*.

—A *Rua do Ouvidor*.

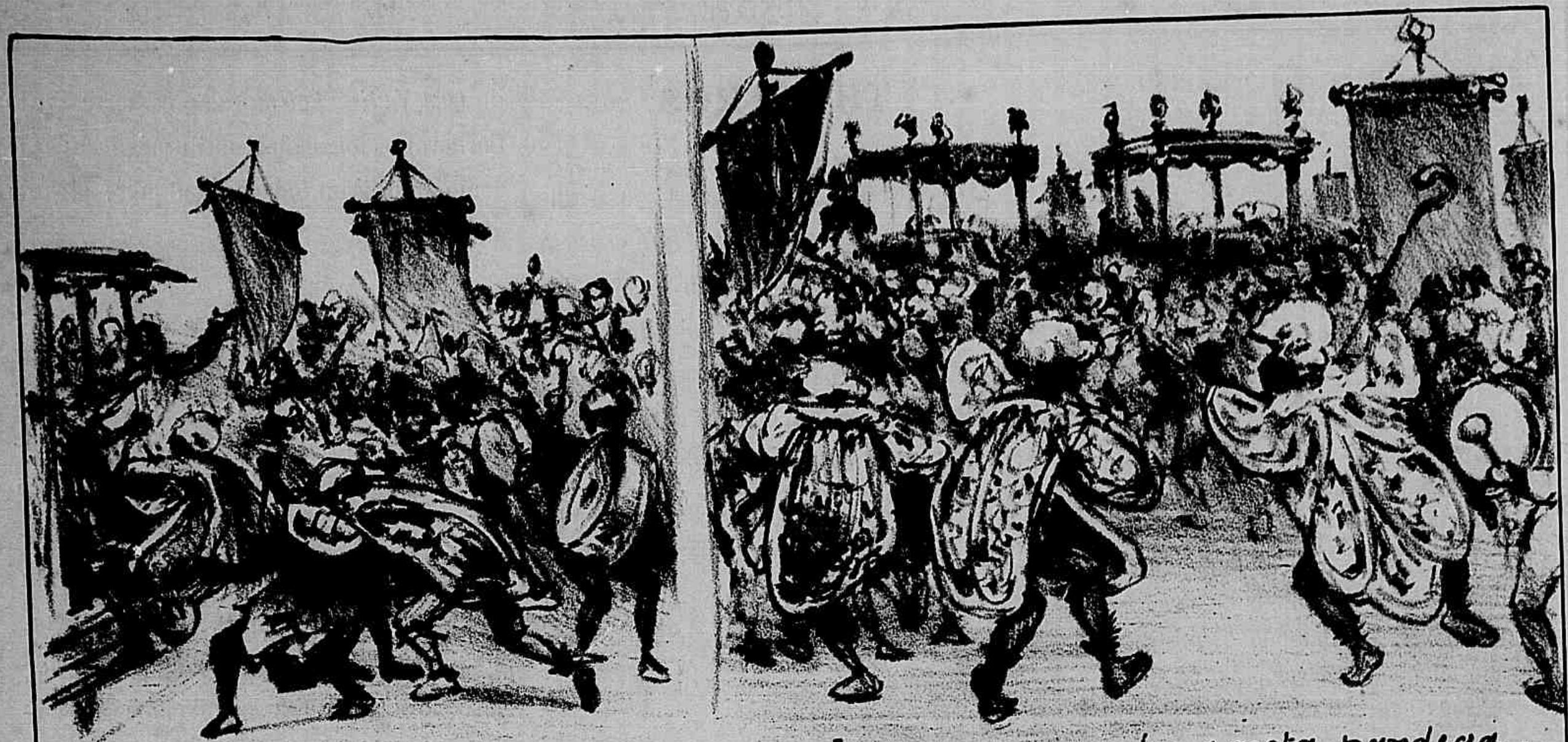
—O *Rapport du Comité d'action de l'Alliance Française* no Rio de Janeiro.

Almanach da Pharmacia e Drogaria G. Carvalho, Giffoni & C. muito interessante.

—*Hossana*, livro de poesias do Sr. Menezes Wanderbej.

—Revista maritima.

—*Anthea*, peça em 3 actos estrahida de *Suivons-le* de Sienkiewicz pelo Sr. Samuel Martins.



Crime carnavalesco.  
O Cordão da Estrela dos dois diamantes  
atacou o da Flor da Primavera, com  
revolvers de... verdade!

Resultado: Dous mortos.

E, para não perder a nota pandeja,  
o enterro das vítimas foi também carna-  
valesco, com acompanhamentos de bombo e  
cantoria.



Quarta feira de Cinzas